

## A pele: contorno da alma!

por *Paulo Faitanin* – UFF.



tato

**1. Introdução:** O tato talvez seja, na atualidade, o sentido externo que mais rivaliza com o da visão. Se o olho aponta, a pele busca. Não estou seguro, mas parece que em cada época sobressaiu um órgão do sentido, uma sensação, em razão do predomínio de uma ou de outra tendência. Claro que o sentido da visão ocupa lugar privilegiado entre os demais sentidos, porque às vezes julgamos algo ser áspero ou saboroso, apenas pelo sentido da visão, só de olhar. Em qualquer caso, para a corrente filosófica empirista e sensualista e mesmo a hedonista, qualquer sentido sempre ocupará cadeira cativa em qualquer dimensão da atividade humana. Parece, porém, mais evidente que algumas filosofias mais presentes em nossos dias, como o hedonismo e o relativismo, supervalorizam os sentidos e as sensações e, em especial, a visão e o tato: a visão porque restringe a realidade ao campo da subjetiva percepção visual e o tato porque reduz esta percepção à uma meramente epidérmica, como se o universo do objeto se enquadrasse nos justos limites das sensações táteis, segundo a própria pele de cada um, ou seja, promove-se uma visão epidérmica do mundo, numa percepção e definição do mundo segundo a própria ‘pele’.

**2. Atualidade:** Algumas filosofias têm maior influência sobre os mais jovens e, não raro, sobre os mais maduros também, pelo fato de que elas procuram descrever o mundo segundo o modo como o sentimos, como se a filosofia fosse *uma coisa de pele*, como o fez, por exemplo, Nietzsche, na maioria dos seus escritos. Isso, guardadas as proporções, é válido só num primeiro momento, porque ao fim e ao cabo, cada um, segundo as suas condições fisiológicas, percebe o mundo conforme à sua individualidade, mas deve-se advertir que isso não é propriamente filosofia, cujo fim não é apenas promover uma análise descritiva do modo como percebemos em nós mesmos os fenômenos sensíveis da realidade, mas conhecer as causas destes efeitos e explicá-las à luz da razão dialética que, sem distanciar-se do real, almeja alcançar sua verdade, a mais universal possível, válida comumente para todos, não para uma maioria, enquanto isso sirva verdadeiramente como cânon apodítico teórico ou útil para a construção de um modelo cientificamente demonstrável. Para a descrição do objeto cumprem muito bem as demais ciências, mas a filosofia deve buscar, pela análise não meramente subjetiva, mas objetiva dos efeitos, suas causas primeiras. Nesta investigação, o filósofo

se surpreenderá ao descobrir que nem sempre a subjetiva percepção sensorial do mundo corresponde verdadeiramente ao estatuto veritativo do objeto tal como ele existe na realidade e fora do sujeito, em sua estrutura física espaço-temporal. Por isso, muitos pensadores advertiram que os sentidos podem errar ao fornecer dados sensíveis de uma realidade sensível. Seria construir uma vã filosofia se se apoiasse o filósofo única e exclusivamente sobre as suas percepções subjetivas da realidade objetiva, apenas pela sensibilidade. As filosofias - que sequer poderiam ser assim denominadas - passaram a ser fisiologias, ainda que nem mesmo os especialistas do fisiologismo compactuem com as propostas destas filosofias. Tais doutrinas são sensualistas, ficam no contorno e não atingem o conteúdo, as formas. Nesta perspectiva de filosofia, cada indivíduo terá a sua visão do mundo, ou seja, a sua filosofia, porque sempre perceberá o real segundo os seus contornos e limites sensoriais. Não haverá, obviamente, lugar para uma 'derme' contínua, comum, mas só contígua e limítrofe do ser de cada corpo. E isso se aproxima muito do que compreendemos acerca da pele, numa linguagem fisiológica, pois a pele é justamente o revestimento cutâneo do corpo, formada por tecido. A pele seria, pois, a fronteira orgânica entre o corpo e o mundo. Mas não seria também a fronteira entre o espírito e o mundo? Parece que sim! Porque a pele envolve todo o corpo e é o seu órgão mais extenso. Por isso, parece interessante notar que, por meio dela, estamos sempre em contato com o meio que nos circunda. Isso, talvez, possa ter fundamentado a posição daqueles que defendem uma filosofia fisiológica ou epidérmica. De fato, a pele difere do olho, pois se a visão é a mais importante sensação, segundo Aristóteles [*Metafísica*, I, 1, 980 a 1-10], o tato, que se dá pela pele, é o único órgão do sentido externo que sempre está de contato, seja de qual modo for, com o seu objeto. O mesmo não se pode afirmar do olho, pois este para produzir sua sensação própria, a visão, precisa ao menos estar aberto. E nisso difere a pele do olho, pois com o olho só vejo quando encontro-me com ele aberto. O contato do olho com o mundo pressupõe esta abertura. Mas com relação à pele não é necessária esta 'abertura', pois ela se encontra sempre em contato imediato com algo que a toca, 'veste'.

**3. Funcionalidade:** O próprio da pele é captar a superfície das coisas com as quais ela trava fronteira. Em linguagem física, a superfície é uma extensão tridimensional capaz de ser percebida pelo tato, produzindo na pele a sensação da sua figura, consistência, peso, temperatura e aspereza. Ora, como não há superfície sensível ao tato, senão dos corpos com três dimensões, só há tato - que é o nome que se dá a percepção que informa à pele a sensação da superfície de um corpo - quando há superfície sensível, cujas propriedades da

percepção podem ser: mecânica, térmica, prazerosa e dolorosa. O tato é muito importante para a formação orgânica do ser humano, porque ele é o primeiro sentido que o homem desenvolve e por ele sentimos as propriedades dos corpos físicos, como já dissemos acima, sua dureza e textura. Como dissemos, o tato é diferente de todos os outros sentidos, pois ele só opera quando a pele toca em algum objeto, onde as células informam se algo é quente ou frio, áspero ou macio, fofo, seco ou úmido.

**4. Sensação:** A pele é o limite do corpo e, por conseguinte, o limite somático da alma, porque como nos ensina Agostinho, não é o corpo que sente, mas a alma que sente pelo corpo. Ora, se toda dimensão tátil depende, em algum aspecto, da pele e se toda dimensão sensível é, em último caso, algo que tem a ver com a pele, não seria difícil concluir que a sensação tátil muito influencia a dimensão gnosiológica e moral humana, que dependem, em certo sentido, da sensação epidérmica humana. De fato, certas emoções causam alterações epidérmicas, como arrepiar-se diante de algo surpreendente, como no caso do susto e do medo. Outras paixões, como a ira e o medo, produzem o suor. Há, verdadeiramente, uma estreita relação entre a pele e as paixões da alma e, inclusive, com o nosso comportamento.

**5. Moral & Saúde:** Um comportamento muito em moda é o que recorre à tatuagem como expressão de uma identidade. Não raro, uma tatuagem segue um modelo de comportamento, mesmo quando feita como provocação do próprio comportamento. Em geral, quando se reverte em comportamento é porque a tatuagem representa uma filosofia de vida, um modo de pensar e agir, ou mesmo uma consequência de viver um determinado tipo de vida: por que alguém tatuaria uma arma no braço? Uma caveira? Uma mulher nua? Um demônio? Uma rosa? Uma estrela? Um rosto de um filho? Sempre há uma motivação emocional subjacente que a justifica e motiva um tipo de modelo comportamental. Não é usual tatuar-se com uma espada e uma caveira e falar frouxo e andar mole, vestir-se almofadinha. Muito menos tatuar-se com uma boneca e estraçalhar violentamente na noite, exceto se por provocação, revolta e rebeldia. É evidente que a tatuagem, de um modo geral, revela uma situação, conduta e intenção de vida que se traduz em comportamento. Mas isso não significa que não há exceções à regra geral. O fato é que a pele tem sido instrumento de manifestação de algum tipo de intencionalidade, às vezes rebelde, às vezes, não. No fundo comporta sempre algum ideal moral, embora, às vezes, nem sempre condizente com a dignidade do corpo humano e daquilo que o reveste. A pele, neste aspecto, não é senão, a veste de gala natural do corpo correspondente à dignidade da alma. Ela é instrumento digníssimo para a perfeição da vida moral, quando serve, por exemplo, para

disciplinar o corpo, dispersando-o da preguiça, no caso do banho gelado, e o espírito, quando o disciplina nos prazeres táteis: o gosto, o sabor, em certo sentido, se subordina à sensibilidade tátil. Tanto a dor quanto o prazer se referem à sensação do tato e num e noutro caso podem ser instrumentos de uma vida moral virtuosa ou viciosa. E nisso reside a importância da dimensão moral da pele. Muitas pessoas sofrem um martírio social por causa das enfermidades da pele, como no caso da hanseníase. Outras, no entanto, são glorificadas por causa da beleza e da saúde das suas peles. Haja vista as clínicas de estética que buscam o elixir da eterna jovialidade. Nada de mal desejar ser eternamente jovial, mas talvez este não seja o caminho adequado, pois há muitos idosos, com a pele envelhecida que mostram uma juventude de dar inveja a qualquer jovem, com a mais linda pele no rosto. Obviamente e, via de regra, a enfermidade da pele nem sempre é consequência da imoralidade de alguém, como no caso de doenças de pele manifestas por hereditariedade ou por ofício de viver em contato com pessoas enfermas ou lugares impróprios, mas em outros casos e, não raro, a doença da pele pode retratar e, inclusive, ser algum tipo de efeito direto ou indireto, de alguma enfermidade da alma, como quando se manifesta na pele uma raiva, rancor ou ira. A pele é o contorno natural de nossa alma e pode tanto expressar, como não, a própria grandeza ou miséria da alma, independente das condições naturais fisiológicas em que se encontra, pois não se vê maior senso de humildade senão entre os que, por ventura, padecem alguma deformidade epidérmica; mas também não há maior sinal de altivez entre os que mostram suas peles como troféus do seu ser. Ora, o ser está para além da beleza ou feiúra da pele. Cuidá-la é saudável, se se busca a saúde! Mas se se busca como finalidade não mais a saúde, senão a beleza, que é em si sempre fugaz, o prazer de uma pretensa eterna beleza trará muitas amarguras, porque certamente não trará a felicidade, aquele estado de espírito que impõe uma paz e equilíbrio interior na alma, de quem nutre antes a alma e o corpo proporcionalmente com o que se deve e é necessário para ambos, sem o exagero e sem a superficialidade! Nada impede buscar a saúde do corpo e a sua beleza conjugada prioritariamente com a beleza e a saúde da alma, mesmo porque a santidade da alma exige igualmente uma expressão externa da beleza interior.